

Teatralização e a Educação Médica

a experiência em uma oficina

Tanise Nazaré Maia Costa
Amanda Vallinoto Silva de Araújo
Cristiane Ribeiro Maués
Daniel Santos Esteves
Eliza Matos de Melo
Érika Maria Carmona Keuffer Cavalleiro de Macedo
Georges Antoine de Pinho Ishak
Gilvaldo dos Santos Silva Júnior
Ismaelino Mauro Nunes Magno
Larissa Machado Silva Magno

Tanise Nazaré Maia Costa
Amanda Vallinoto Silva de Araújo
Cristiane Ribeiro Maués
Daniel Santos Esteves
Eliza Matos de Melo
Érika Maria Carmona Keuffer Cavalleiro de Macedo
Georges Antoine de Pinho Ishak
Gilvaldo dos Santos Silva Júnior
Ismaelino Mauro Nunes Magno
Larissa Machado Silva Magno

Teatralização e a Educação Médica

a experiência em uma oficina

1ª edição

Editora Itacaiúnas
Ananindeua – PA
2021

Conselho editorial / Colaboradores

Márcia Aparecida da Silva Pimentel - Universidade Federal do Pará, Brasil José
Antônio Herrera - Universidade Federal do Pará, Brasil

Márcio Júnior Benassuly Barros - Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

Miguel Rodrigues Netto - Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Wildoberto Batista Gurgel - Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil

André Luiz de Oliveira Brum - Universidade Federal do Rondônia, Brasil

Mário Silva Uacane - Universidade Licungo, Moçambique

Francisco da Silva Costa - Universidade do Minho, Portugal

Ofelia Pérez Montero - Universidad de Oriente- Santiago de Cuba, Cuba

Editora chefe: Viviane Corrêa Santos - Universidade do Estado do Pará, Brasil

Editor e webdesigner: Walter Luiz Jardim Rodrigues - Editora Itacaiúnas, Brasil

Editor e diagramador: Deividy Edson Corrêa Barbosa - Editora Itacaiúnas, Brasil

©2021 por Tanise Nazaré Maia Costa et al.
Todos os direitos reservados.

1ª edição

Editoração eletrônica/ diagramação: Deividy Edson
Organização e preparação de originais: Walter Rodrigues
Projeto de capa: Tanise Costa
Bibliotecário: Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T253	Teatralização e a Educação Médica: a experiência em uma oficina / Tanise Nazaré Maia Costa ... [et al.]. - Ananindeua : Itacaiúnas, 2021. 39 p. : il. ; PDF ; 1,65 MB.
	Inclui bibliografia. ISBN: 978-65-88347-85-0 (Ebook) DOI: 10.36599/itac-ed1.114
	1. Medicina. 2. Educação Médica. 3. Teatralização. I. Costa, Tanise Nazaré Maia. II. Título.
2021-910	CDD 610 CDU 61

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Medicina 610
2. Medicina 61

O conteúdo desta obra, inclusive sua revisão ortográfica e gramatical, bem como os dados apresentados, é de responsabilidade de seus participantes, detentores dos Direitos Autorais.

Esta obra foi publicada pela [Editora Itacaiúnas](#) em março de 2021.

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. As
pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1 - INTRODUÇÃO	8
2 - OBJETIVO E FINALIDADE	13
3 - METODOLOGIA	14
4 - RELATOS	29
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	33
OS AUTORES / REVISORES / IDEALIZADORES	35

APRESENTAÇÃO

Este e-book foi confeccionado para que todos tenham acesso a esse aprendizado e para todos aqueles que irão se inspirar nessa fascinante metodologia ativa demonstrada por aqui como uma experiência fabulosa encontrada pelos participantes, alunos e professores, de uma Oficina pré-congresso baseada na Teatralização e Educação Médica.

Tanise Nazaré Maia Costa
Organizadora



1

INTRODUÇÃO

TEATRO E EDUCAÇÃO MÉDICA:

Teatro é um vocábulo que denota dois distintos significados. É considerado como uma categoria da arte ou um lugar ou edifício, local designado para apresentação de obras dramáticas com inúmeros modelos de espetáculos. Etimologicamente, a palavra teatro é proveniente do grego theatron (theaomai = ver; thea = vista; panorama), porém descrevendo morfologicamente a forma atual deste termo é de origem latina (theatrum)¹.

A existência do teatro é citada por diversos autores desde a época do Egito Antigo, e tinha como objetivo o culto às divindades. Tal prática perdurou todo o Médio Império (2000-1700 a.C.), e esteve presente no continente asiático – principalmente Índia e China. Contudo, foi em território grego, considerado o berço do teatro ocidental, que o teatro adquiriu uma identidade política e cultural, permeada de histórias de famílias nobres, batalhas e seres sobrenaturais que povoavam suas crenças religiosas locais¹.

Embora haja correlação direta entre o teatro e o texto, é evidente que as manifestações teatrais prescindem de texto: os mimos e atelanas entre gregos e romanos, as farsas e soties medievais, os balés de corte, a commedia dell'arte, cultivados entre os renascentistas, o teatro de bonecos e de animação do período iluminista. O teatro é um produto coletivo, uma prática de cena, concretizada por uma equipe no palco podendo ou não existir um texto prévio².

O teatro do século XX e XXI evoluiu para um instrumento de discussão e crítica da sociedade a partir da influência do naturalismo e realismo. Explodiram na Europa e nos Estados Unidos as suas frentes avançadas com assuntos bem peculiares e discussões sobre a história vigente, como: o teatro na Rússia revolucionária, o existencialismo, o teatro do absurdo na Inglaterra, o teatro épico alemão, a dramaturgia e o musicais norte-americanos. Já o teatro brasileiro, passou da sua forma



Jesuítica – da época Colonial – ao teatro contemporâneo, sendo este mais afastado de questões políticas¹.

O teatro no meio escolar tomou maiores proporções nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos e na Europa e o nos anos 70 no Brasil. Apesar de distintos modelos de abordagem, as concepções naquele momento possuíam em igualdade de expressão a ideia de prática teatral por meio de entretenimento e recreação. Esta configuração “instrumental” de idealizar o teatro na educação, sedimentada no desenvolvimento de habilidades e comportamentos desejáveis, introduzindo-se numa perspectiva de arte-educação denominada contextualismo³.

Em torno da segunda metade do século XX, com o avanço no desenvolvimento de educação envolvendo a arte, o teatro e sua extensão instrutiva e didática começaram a ser cogitados no processo de sapiência escolar a partir de uma ótica que almejava prevalecer sobre as limitações da sua utilização de forma exclusiva instrumental, isto é, como ferramenta, equipamento ou regra para o ensino de conteúdo fora do teatro. Com essa nova aproximação do ensino ao teatro, elaboradas por Jean Piaget e Spolin, pode-se estabelecer a especificidade da linguagem teatral e, em conjunto, alcançar o entendimento de seus princípios psicopedagógicos³.

O conhecimento pedagógico essencialista, reforça que a visão das artes não é a constituição de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas diversas maneiras de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores. Por meio desta semiótica e na contracorrente da fragmentação do ser humano no processo saúde-doença, cuidado assistencial e relação médico-paciente, surge a Política Nacional de Humanização lançada em 2003 – que pretende pôr em prática e atividade os princípios do SUS no cotidiano dos serviços de saúde, produzindo modificações nas formas de gerir e cuidar^{3, 4, 5}.

A medicina é referida como ciência e arte atreladas intimamente, sendo a ciência baseada na compreensão mais objetiva, técnico - competência ou cura - e os dados artísticos essenciais no lado humano – o ato de se introduzir no lugar do outro ou de cuidar. Ambas as interpelações do que é real (arte e ciência) devem ser interligadas diretamente com a função de melhorar o processo de educação médica⁶.

O ensino de medicina no Brasil deu-se início em 1808 na Bahia e no Rio de Janeiro, ainda com sistema de ensino escolástico português e com a formação de cirurgiões barbeiros dotados de pouco conhecimento



teórico. Apenas em 1832, surgiram as Faculdades de medicina, após a fundação da Sociedade de Medicina, com cursos em seis anos de duração e ofertas de vagas anuais. Contudo, a primeira faculdade, enquanto projeto acadêmico e institucional pleno surgiu apenas em 1934, sob a luz do modelo francês – com fundamentação técnico científica⁷.

A expansão do ensino superior e o arcabouço atual dele foram montados apenas após a Era Vargas, principalmente no governo Juscelino Kubitschek sob supervisão do professor Anísio Teixeira, seguindo o modelo flexneriano de educação. A formação médica ganhou notoriedade e contornos mundialmente com a declaração de saúde assinada na cidade de Alma-Ata e a carta de Ottawa. Tais fatos, atrelados aos conceitos de saúde estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde, a necessidade de mudança do perfil do acadêmico de medicina afirmado pela Organização Pan-Americana de Saúde e a criação do Sistema Único de Saúde pela Constituição Federal Brasileira introduziram a mudança no perfil fragmentado, individualista e curativo da figura médica⁷.

As mudanças ocorridas nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina de 2001 e de 2014 norteiam um modelo pedagógico pautado no aluno, com metodologias ativas que privilegiem a participação ativa dos mesmos, desenvolvimento de habilidades cognitivas e enfatizam relevância social da comunicação na relação médico-paciente^{7,8}.

A formatação pedagógica interativa de ensino das técnicas de comunicação aos alunos dos cursos da área da saúde tem sido um enorme ponto crucial de interesse dos pesquisadores nos dias atuais, pois se exige uma ampliação de habilidades técnicas, comportamentais, psicoemocionais, as quais serão necessárias ao futuro desempenho do exercício profissional. Nesse sentido, considerando que a imaginação dramática estimula a criatividade humana e o desenvolvimento de características humanísticas, o teatro constitui uma importante ferramenta de ensino em domínios não artísticos, como na medicina².

A educação médica exige, de modo desafiador, o desenvolvimento de habilidades de comunicação e de relacionamento. O envolvimento e o aprendizado com as artes propiciam a exposição individual a múltiplas circunstâncias, aumentando o potencial de desenvolvimento humano. Nesse contexto, a utilização das artes no contexto acadêmico aprimora o conhecimento técnico, a cognição e a comunicação interpessoal, necessários para uma adequada relação médico-paciente.⁶



O objetivo da inclusão do teatro no currículo médico é variável: envolve desde a criação até a visualização de peças. Jacobsen et al. 9 relatam que o conceito teatral “a quarta parede”, onde atores, estudantes, moderadores e plateia interagem, constitui uma ferramenta ideal de treinamento de habilidades de comunicação em cenário simulado. Dentre os possíveis benefícios da utilização das artes, destacam-se: promoção do profissionalismo, habilidade de escuta e compreensão, interação social, sensibilidade, comunicação, empatia e ética. Aprimorar essas competências é essencial às habilidades clínicas e ao desenvolvimento profissional.⁶

Existe a possibilidade de desenvolver e aprimorar essas competências nos estudantes através de um processo de ensino-aprendizagem prático e experimental ao longo da formação acadêmica. Um exemplo dessa metodologia ativa é o exercido em uma Universidade Pública de São Paulo, enquanto os estudantes aprendem a disciplina de Psicologia Médica, em que há filmagens de dramatizações com participação dos discentes para estimular a reflexão e a conversação de casos clínicos para um processo de ensino-aprendizagem vantajoso⁸.

A revisão sistemática analisada por Mairot et al, denotou competências educacionais suscetíveis as artes visuais, à literatura, ao teatro e ao uso de cinema e filmes permitindo o engrandecimento de uma melhor capacidade de observação clínica dos estudantes, melhor interação no trabalho em equipe e habilidades de comunicação, com possíveis consequências positivas na relação médico-paciente.⁶ Com base neste conhecimento, acadêmicos da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, participam de um conjunto de aulas onde técnicas de improvisação no teatro são utilizadas para desenvolver habilidades de empatia, diálogo e improvisação⁹.

Nesse contexto, a inserção do teatro como ferramenta de treinamento técnico e humanístico, é ideal para transmitir a multiplicidade de situações que os indivíduos serão expostos durante o exercício da medicina. Dessa forma, o currículo médico passa a incorporar uma maneira não convencional e eficaz de ensino-aprendizagem, permitindo a obtenção de uma ampla gama de conhecimentos e habilidades necessários à formação médica.



IDEALIZAÇÃO:

Ao ser conhecida a proposta de realização de oficinas pré-congresso no COBEM 2019, esse grupo de professores demonstraram interesse na ideia de realizar esse método com o instrumento da teatralização, no cenário da educação médica.

Essa ferramenta utilizada para promover a reflexão dos participantes teve como papel de fundo ou tema principal acerca do processo de envelhecimento, atuando como um importante engenho de metodologia ativa.

A oficina contou com a participação de duas Médicas Geriatrias, uma Médica da Família e da Comunidade, um Biomédico, alunos dos sexto e oitavo períodos do curso de Medicina do Centro Universitário do Pará (CESUPA) e Congressistas participantes.

A opção pela teatralização da oficina se deu como uma via de mão dupla ao propiciar a atuação dos participantes – voltada a melhoria das habilidades de comunicação, empatia e sensibilidade – e ao estímulo do senso crítico dos atores e do público. Dessa maneira, houve interação e busca ativa por conhecimento, voltado principalmente aos aspectos que tangem o envelhecimento, à luz da senescência x senilidade.

Para osicineiros, o aprendizado foi arquitetado a partir da composição dos personagens. A arte de personificar as mazelas de uma vida desregrada em comparação à qualidade de vida de alguém que investiu na saúde cultivando bons hábitos foi a ferramenta utilizada como contraste para estimular a reflexão, a empatia e a desenvoltura dos participantes e dos espectadores.

Os espectadores (não tão espectadores assim) em um segundo momento da oficina, foram convidados a encenar, atuar a partir do que foi apreendido sobre o envelhecimento como forma de feedback da iniciativa teatral. Dessa forma, a teatralização atuou como uma eficiente e envolvente ferramenta didática para o ensino médico.



2

OBJETIVO E FINALIDADE

A oficina buscou demonstrar a utilização prática das técnicas de teatro, em conjunto com a confecção de questionários baseados em atos, como ferramenta para aplicar o ensino de conteúdo técnico-médico em um ambiente experimental de aprendizado.

Com isso, pôde-se analisar a percepção do aluno quanto a retenção de conhecimentos pela metodologia ativa de teatralização, avaliando se ocorreu ou não adequada absorção desse entendimento por parte dos participantes.

Durante o processo da oficina, procurou-se ressaltar a interdisciplinaridade entre as duas frentes Teatro x Medicina e assim foi documentada a viabilidade da metodologia exposta e tão largamente utilizada no Ensino Superior.

Foi possível acatar a finalidade tanto demonstrativa quanto observacional do trabalho ao compreender que a Medicina como uma arte tanto no sentido técnico quanto no humano denota a importância em se focar além das habilidades motoras.



3

METODOLOGIA

A oficina intitulada “Teatralização no processo de envelhecimento aplicado a educação médica” foi realizada como atividade pré congresso do 57º Congresso Brasileiro de Educação Médica (COBEM) com duração de 4 horas no dia 29 de setembro de 2019 no Centro de Convenções Hangar na cidade de Belém/PA.

Os participantes foram 4 professores e 6 alunos que tiveram a função de elaborar, conduzir e atuar antes e durante a oficina. Os docentes e discentes fazem parte da Instituição de Ensino Superior Centro Universitário do Pará (CESUPA).



Cartaz de divulgação em mídias sociais



PREPARAÇÃO:

Durante 2 meses prévios ao evento, houve 2 reuniões entre os professores com intuito de idealizar e formular como aconteceria a oficina. Assim também, após delimitar esses aspectos, convocou-se 5 alunos voluntários para participação, por meio de novo encontro ocorrido nas dependências do CESUPA.

Foi elaborado um roteiro para contexto, personagens e atos da peça durante a reunião dos professores e alunos com compartilhamento de ideias incluindo figurino, gesticulações, objetos para serem utilizadas durante o evento.

Sucederam outras pequenas conferências através de meios digitais, terminando com um encontro dia 26 de setembro para ensaio final do espetáculo, já com os integrantes conhecendo seu papel e fala de cada um.



Ensaios

ROTEIRO, CONTEXTO, PERSONAGENS E ATOS

Foi contada a história de dois pacientes (João e Viviana) de mesma idade e em momentos diferentes: na juventude, na meia-idade e na velhice. João terá o exemplo de uma juventude com vícios (tabagismo, etilismo) e vida atribulada por estresses, tendo conseqüentemente, um envelhecimento mal sucedido. Enquanto, Viviana, terá experiências



diferentes, alimentação mais saudável, sem vícios ou estresse e terá envelhecimento bem-sucedido.

- Primeiro Ato: ANOS 60

JOÃO-20 anos de idade. FIGURINO: calças jeans boca-de-sino, franja e gel nos cabelos, com cigarro na mão.

VIVIANA-20 anos de idade. FIGURINO: saia de bolinhas, colares e enfeites.

NARRADOR: João e Viviana são colegas de faculdade, vivem nos anos 60, momento de transição de pensamentos com apologia a maior liberdade em todos os sentidos. João vive intensamente a juventude rebelde enquanto Viviana tem pensamento “natureba”.

..... Viviana e João entram na sala....

JOÃO: - Viviana, minha amiga, como vai? Ainda nessa de ficar estudando em casa e não sair e se divertir relaxando??? Descobri uma onda da hora.... Cigarro, vodka e baseado... Vida boa é essa... Farra e liberdade... Só relaxando...

VIVIANA: - Eita João, ainda não sacaste que isso é bronca???? Estás é biruta!!!!

JOÃO: Deixa disso.... És um broto legal, mas não sabes aproveitar!!!

- Segundo Ato: 1985

JOÃO - 45 anos de idade. FIGURINO: terno e gravata com aumento de circunferência abdominal

VIVIANA - 45 anos de idade. FIGURINO: roupa de academia, suada e com água na mão.

NARRADOR: João, fumante de 02 carteiras por dia, trabalhando intensamente em escritório, 14 horas por dia, com muita cobrança de chefe e muito estresse. Viviana também trabalha em escritório, em média 6 horas por dia, pois pensa que precisa de tempo para cuidar de si mesma, faz academia 3 vezes na semana e yoga por 2 vezes. Alimenta-se saudavelmente e de forma balanceada. Mantendo a boa forma da juventude.

João e Viviana se reencontram na rua. João tenta se esconder e passar despercebido por Viviana.



VIVIANA: - Oi João, há quanto tempo???? Mudaste muito!!!!

JOÃO (fica sem graça ao encontrar a amiga): - Oi, Viviana. Sabes como é... nossa vida estressada... Estás ótima, nem parece que o tempo passou pra você....

VIVIANA (responde passando a mão na “barriga” de João): - Eita amigo, e você mudou muito... Nunca é tarde pra correr atrás do prejuízo... Vamos malhar essa barriga!

JOÃO (fala desconcertado abrindo um cigarro para fumar): - Minha esposa gosta assim!

- Terceiro Ato: 2019

JOÃO - 79 anos de idade. FIGURINO: cadeira de rodas, caracterização de um idoso aparentando mais idade do que realmente tem.

VIVIANA – 79 anos de idade. FIGURINO: roupas de uma idosa elegante e em forma, aparenta idade menor do que a que realmente tem.

NARRADOR: João é portador de Hipertensão Arterial Sistêmica, seqüela motora de três acidentes vasculares encefálicos isquêmicos prévios, Diabetes mellitus, dislipidemia, Enfisema pulmonar, Doença de Parkinson e demência. Vem a consulta médica com história de perda de 15 kg em 45 dias, muita epigastralgia e fezes escurecidas tipo “graxa”. É dependente para banho e vestimenta, locomoção pela cadeira de rodas com ajuda da neta.

Viviana é portadora de Hipertensão arterial sistêmica controlada. Encontra-se lúcida e ainda é bem ativa. Faz crochê e pintura, atua em trabalhos na igreja e faz parte de um grupo de idosas do clube que incentiva atividade física. Vem a consulta médica acompanhado de um neto.

NARRADOR: CONSULTA MÉDICA DE VIVIANA ACOMPANHADA DO NETO JONAS:

DRA CARMEN: - Bom dia, dona Viviana. Hoje a senhora trouxe um acompanhante!

VIVIANA: - Bom dia, Dra. Sim hoje vim com meu neto para lhe mostrar meus exames! Sabe que quero saber meu diagnóstico Dra.

DRA CARMEN: - Ok, como combinamos e é seu direito saber o que tem. Deixe que eu os analise.



(Dra Carmem folheia os exames)

VIVIANA: - E então doutora.... O que deu na biópsia do meu nódulo na mama? Sabes que não estou nada bem! Sofrendo muito com dores fortes e falta de ar. Não quero isso pra minha vida.

DRA CARMEN: Bem vamos conversar.... Realmente, trata-se de um tumor maligno na sua mama e com base nos outros exames já “caminhou” para outras regiões como pulmão e fígado. Existem nesse caso alguns tratamentos oncológicos, porém na atual situação em que você se encontra julgo necessário lhe oferecer o chamado cuidado paliativo que não significa “jogar a toalha” mas sim procurar medidas mais confortáveis para evitar o sofrimento, pois sabemos que neste momento, o tratamento não se faz mais curativo!

VIVIANA: - Dra, não quero muitos tratamentos malucos ou invasivos demais... Sempre tive excelente qualidade de vida... Agora quero ter boa qualidade de “morte”. Não quero sofrer. Aceito os cuidados paliativos. Sei que isso será complicado para meus filhos compreenderem, mas eu que decido a minha vida!

NETO JONAS: - Vovó!!!! Nós lhe amamos muito!!! Não fale assim....

DRA CARMEN: - Dona Viviana a senhora é um exemplo de paciente determinada! Se você precisar, traga o restante de sua família, pois conversamos juntos e explico o que não entenderem.

NARRADOR: CONSULTA MÉDICA DE JOÃO ACOMPANHADO DA NETA CLARA:

DRA ANTONINA: - Bom dia! Entrem...

NETA CLARA: - Bom dia Dr. Trouxe o exame de ultrassom do abdômen e endoscopia com biópsia que o senhor pediu!

DRA ANTONINA (Pega o exame): Bem... o seu João está com câncer de estômago! Além disso com prováveis lesões metastáticas no fígado. Deve fazer muitos outros exames e iniciar cirurgia radical, quimioterapia e radioterapia! Deve fazer tudo, pois onde há vida há esperança... Esse é meu parecer.

NARRADOR: A neta Clara sai da sala com o avô arrasada e querendo uma segunda opinião sobre todo esse tratamento, pois acha que seu avô não aguentaria...

Clara encontra Jonas na faculdade (que coincidência, pois os dois estudavam juntos tal como seus avós):



NETA CLARA: - Estou arrasada, pois fui em um médico que demonstrou pouca sensibilidade do caso do meu avô que está com câncer de estômago e muitas metástases. Propôs tratamentos os quais sei que meu avô não suportaria e talvez morra antes devido as complicações do próprio tratamento!!!!

NETO JONAS: - Eita, leva ele na médica da minha avó, que está em situação semelhante ao do seu avô, mas entendeu e explicou sobre um tratamento que visa aguardar o tempo certo do paciente, visando aliviar o sofrimento.

NARRADOR: Prontamente, Clara marca consulta do avô com Dra Carmem, leva os mesmos exames e ouve atentamente.

NETA CLARA: - Então Dra... o que a senhora acha?

DRA CARMEN: - Bem, Clara, seu avô já tem patologias crônicas descompensadas e avançadas, portanto, a expectativa de vida já não é das maiores. Acredito como médica e, aconselho, que deve fazer cuidados paliativos, tratando de forma adaptada de acordo com sintomas priorizando o alívio e evitando o sofrimento provocado pela doença. O seu João deve ser bem assistido por equipe multiprofissional. Tratamentos muito invasivos no caso dele podem provocar maior sofrimento com uma expectativa de vida que não aumentará com qualidade.

O DIA DO EVENTO:

A) AMBIENTE E DESCRIÇÃO INICIAL:

A oficina foi realizada em uma sala espaçosa composta por cadeiras e mesas, além de data show e quadro branco. Houve lotação completa do ambiente pelos congressistas.

B) EXECUÇÃO COMPLETA:

Antes de iniciar a encenação teatral, foi realizada uma explanação por meio de data show sobre o tema interligado de teatro e medicina.

A seguir sequência de slides:

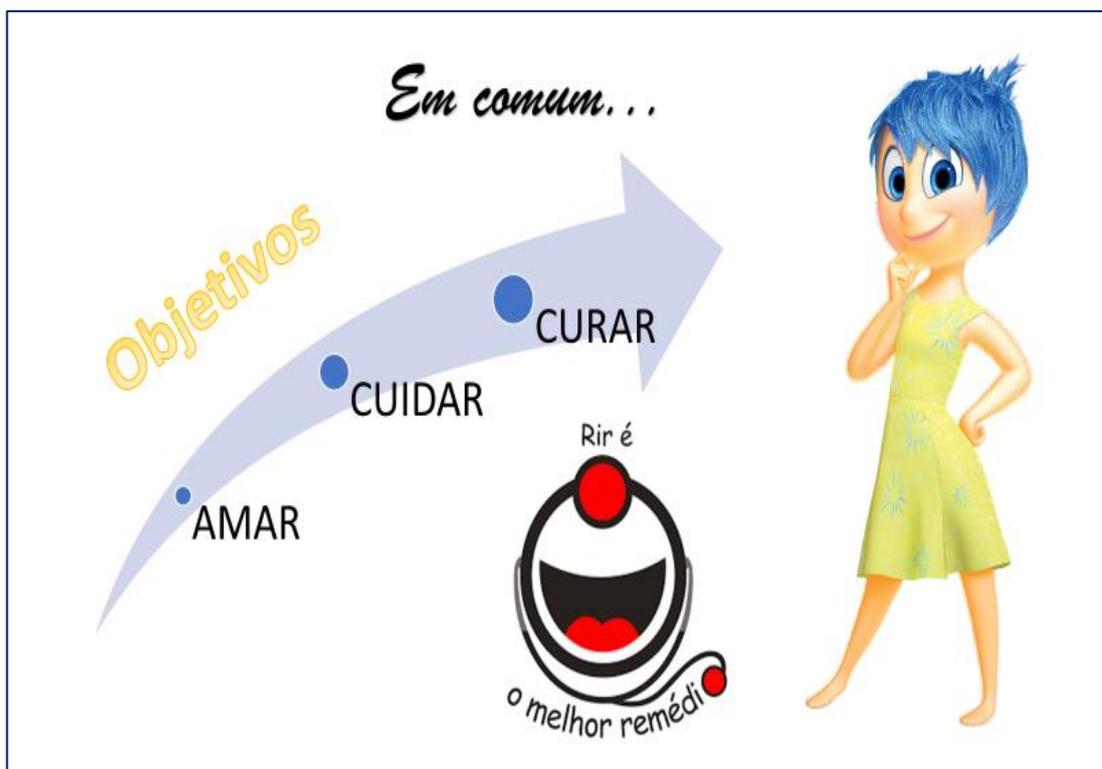




TEATRALIZAÇÃO E MEDICINA

O que têm em comum?





Em comum...

Empatia

Diálogo

Improviso

Compromisso



Teatro

Dramatização

Metodologia ativa

Ensino-aprendizagem



A PEÇA – MELHORES MOMENTOS



Discentes com figurino de João e Viviana no 1º ato



Discentes com figurino de João e Viviana no 2º ato





Docentes e alunos em intervalo do 1º e 2º atos

OBS: Após os 2 primeiros atos, foi aplicado um teste com questões objetivas para avaliar o conhecimento prévio e adquirido pelos alunos congressistas e participantes da Oficina, especificamente abordando os assuntos apresentados nos referidos momentos da encenação. O tempo ofertado foi necessário e suficiente para nova composição de figurino e maquiagem para o 3º ato.





Making of pelos visagistas (maquiadores): Omar Silva Júnior, Leonardo Rafael Santos, Leonam Mescouto



Discente com figurino de Viviana no 3º ato





Discente com figurino de João no 3º ato



Discentes com figurino de João e Viviana no 3º ato





Discentes com figurino de João e Viviana no 3º ato

OBS: Após o 3º ato, foi novamente aplicado o restante do teste com questões objetivas da mesma forma que anteriormente relatado para avaliar o conhecimento prévio e adquirido pelos alunos congressistas e participantes da Oficina, especificamente abordando os assuntos apresentados nos referidos momentos da encenação. Com o término do teste houve uma correção em conjunto dos professores com os estudantes, além de sanar dúvidas.

Ainda, ao final da encenação principal tema da oficina e dos testes, os participantes foram desafiados a criar por meio de teatro uma peça com algum assunto de Medicina. Esses estudantes se dividiram em 2 grupos que apresentaram peças com os temas Doação de órgãos e Más notícias.

Os resultados foram excelentes, os alunos demonstraram criatividade e puderam colocar em cena assuntos que já foram aprendidos em suas trajetórias na faculdade, percebendo o quanto é uma metodologia efetiva.



No encerramento, houve agradecimentos por parte dos docentes e discentes oficinairos, sendo distribuídos doce de chocolate típico da Amazônia e nariz de palhaço para os participantes.



4

RELATOS

Neste capítulo, será abordada a opinião de alguns docentes e discentes e, também, o que trouxe de experiência na vida dosicineiros que realizaram a encenação teatral.

“A arte é longa, a vida é breve”

Hipócrates

EXPERIÊNCIA DOS DOCENTES OFICINEIROS:

Professora Tanise:

“Essa oficina de teatralização na educação médica trouxe um misto de sentimentos, desde o medo de ocorrer algum problema operacional até a realização e êxtase ao final, principalmente ao ver nos rostos dos alunos participantes o quanto se pode aprender e apreender com essa metodologia. Observar a satisfação de todos foi o mais significativo pra mim”

Professora Cristiane:

"Foi um dos convites mais desafiadores que já recebi: substituir o colega que havia idealizado a Oficina. A experiência foi rica de gratificação, trabalho em equipe e mostrou o papel da arte na educação: aflorar a sensibilidade pelo Humano"

Professora Érika Keuffer

“Experiência maravilhosa e empolgante! Sempre percorri pelo mundo da arte, através da dança, do teatro, da música e do canto. Mas



nunca antes havia me aventurado na educação médica através desta técnica. Guiar as dinâmicas e presenciar a empolgação e o intenso feedback positivo dos grupos, sem dúvida, foi a melhor parte. As etapas vivenciadas e construídas, uma a uma, para a apresentação final da proposta (através da teatralização), mostraram-se desafiadoras, no entanto, pouco a pouco, os horizontes de cada participante foram se abrindo e, de maneira surpreendente, a criatividade e o improviso dominaram o momento. A meu ver (e com base nos depoimentos finais), adotar a técnica em questão para o ensino médico é um ato de sucesso garantido, principalmente se baseado em fundos teóricos e treinamento prático com profissionais direcionados. Afinal, não basta encenar. É preciso sentir, entender, relacionar e ter embasamento para que o aprendizado ocorra adequadamente”.

EXPERIÊNCIA DOS DISCENTES OFICINEIROS:

Aluna Eliza:

“Registro uma impressão bastante positiva da experiência pedagógica da oficina de teatralização no ensino médico. Essa metodologia ativa nos exigiu uma imersão sobre o processo de envelhecimento - pano de fundo da iniciativa - e importantes nuances do mister médico que precisamos refinar e valorizar como a relação médico-paciente por meio da empatia e escuta ativa do paciente e sua família.”

Aluno Georges:

“Já achava a ideia de misturar teatro e educação médica algo muito interessante, ao realizar essa oficina pude perceber como a absorção de conhecimento pode se manifestar de diversas maneiras. Foi sensacional vislumbrar o aprendizado e o senso crítico da plateia conforme os atos iam acontecendo enquanto pudemos tocar em um assunto tão presente, delicado e que afeta a qualidade de vida de milhares. Por isso, também contribuimos para um processo maior de conscientização”.

Aluna Larissa:

“A experiência de fazer parte da organização da oficina de teatralização sobre o assunto de envelhecimento foi bastante gratificante, desde a organização e os cuidados dosicineiros e dos organizadores com os detalhes para que tudo saísse nos conformes e o aprendizado



fosse atingido no potencial máximo, até o fato de como estudante ver os alunos adquirindo conhecimento sobre uma matéria tão importante de uma forma tão inovadora.”



5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina Teatralização no processo de envelhecimento aplicado a educação médica cumpriu muito além do que demonstrar essa metodologia ativa para o aprendizado, pois houve apreensão de conhecimentos acerca de humanização da Medicina e aspectos bioéticos.

“Saber trabalhar as emoções é também ser maestro na fantástica arte de ser médico.” (Tanise Nazaré Maia Costa)



REFERÊNCIAS

1. CEBULSKI, Márcia Cristina. Introdução à História do Teatro no Ocidente dos gregos aos nossos dias. 2012. Acesso em: 01/06/2020. Disponível em: <http://fcs.mg.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/Texto-1.pdf>
2. MOSTAÇO, Edelcio. Teatro e história cultural. Baleia na Rede, v. 1, n. 9, 2012. Acesso em: 01/06/2020. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/baleianarede/article/view/2832>
3. DE BRITO KATTO, Suzana. A DRAMATIZAÇÃO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA. Acesso em: 01/06/2020. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1842-8.pdf>
4. SANTOS, Eduardo Luz; SILVA, Flávio Dias. Acordes/UFT: o teatro e o lúdico como intervenções de educação em saúde. Em Extensão, v. 15, n. 1, p. 141-149, 2016.
5. Política Nacional de Humanização, Brasília (DF), 2013. Acesso em: 01/06/2020. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf
6. MAIROT, Lúcia Trindade da Silva et al. As Artes na Educação Médica: Revisão Sistemática da Literatura. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 43, n. 4, p. 54-64, 2019.
7. MACHADO, Clarisse Daminelli Borges; WUO, Andrea; HEINZLE, Marcia. Educação Médica no Brasil: uma Análise Histórica sobre a Formação Acadêmica e Pedagógica. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 42, n. 4, p. 66-73, 2018.
8. PEREIRA, Adriana Teixeira et al. Percepção de Alunos de Medicina com a Dramatização: uma Experiência Pedagógica.



Revista Brasileira de Educação Médica, v. 40, n. 3, p. 497-505, 2016.

9. Jacobsen I, Baerheim A, Lepp MR, Schei E. Analysis of role-play in medical communication training using a theatrical device the fourth wall. BMC Med Educ 2006; 6: 51.

10. Edimilson Montalti, Assessoria de Relações Públicas e Imprensa da FCM, Unicamp – Boletim da FCM. O uso do teatro para a formação médica Acesso em: 03/06/2020. Disponível em: https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/images/user228/ensino_o_uso_do_teatro.pdf



OS AUTORES / REVISORES / IDEALIZADORES

Amanda Vallinoto Silva de Araújo

Graduanda em medicina no Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Monitora do Laboratório Morfofuncional MD1 - 2017.2 e 2018.1. Monitora do Laboratório Morfofuncional MD4 - 2019.1. Presidente da Liga Acadêmica de Transplante de Órgãos do Pará (LATOP). Presidente do Comitê de Habilidades Clínicas (CHC). Estagiária do Centro de Perícias Científicas Renato Chaves.

Cristiane Ribeiro Maués

Graduação em medicina pela Universidade do Estado do Pará (2003), residência em Clínica Médica no Hospital Ophir Loyola, Belém-PA (2007) e especialização em Geriatria no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2009). Título de especialista em Geriatria pela AMB/SBGG (2009). Mestre em Ensino em Saúde pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Professora do Curso de Medicina do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA), onde coordena o Internato na área de Clínicas especializadas e Saúde do idoso. Médica da Equipe de Cuidados Paliativos do Hospital Ophir Loyola.

Daniel Santos Esteves

Graduando em Medicina no Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Participante do Comitê de habilidades clínicas do CESUPA (CHC). Membro da Liga acadêmica de cardiologista (LAC) e da Liga acadêmica de cirurgia geral (LACIG). Estágio no Hospital e Maternidade Municipal de Bom Jesus do Tocantins/PA.



Eliza Matos de Melo

Advogada. Graduanda em Medicina no Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Estagiária do Ambulatório de Mastologia no CEMEC 2019.2. Estagiária do Ambulatório de USG Geral no CEMEC 2020.1. Diretora de Estágios da Liga Acadêmica de Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Pará (LAOTO CCP) 2019/20.

Érika Maria Carmona Keuffer Cavalleiro De Macedo

Médica de família e comunidade com residência médica em medicina de família e comunidade (UEPA) e título de especialista pela sociedade brasileira de medicina de família e comunidade (SBMFC); mestre em saúde na amazônia (UFPA); especialização de preceptoria em medicina de família e comunidade - ênfase clínica pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre e universidade aberta do sistema único de saúde (UFCSPA / UNASUS) professora de medicina no Centro Universitário do Pará (Cesupa) no módulo de interação em saúde na comunidade (MISC); preceptora na residência médica de medicina de família e comunidade no Centro Universitário do Estado Do Pará (Cesupa); pós graduação em dermatologia clínica e estética pelo instituto superior de medicina (ISMD), em São Paulo; fonoaudióloga com especialização em desenvolvimento infantil; relações públicas.

Georges Antoine de Pinho Ishak

Graduando em medicina no Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Membro da Liga Acadêmica de Cardiologia (LAC). Estagiário do Hospital Ordem Terceira e da Unidade Coronariana do HCor Associação Sírio Libanês.



Givaldo dos Santos Silva Júnior

Graduando em medicina no Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Monitor do laboratório de habilidades clínicas (semiologia médica). Secretário do Centro Acadêmico Gaspar Vianna. Bolsista do Programa de Iniciação científica e tecnológica do CESUPA. Estagiário do Instituto Evandro Chagas.

Ismaelino Mauro Nunes Magno

Graduação em Biomedicina pela Universidade Federal do Pará (1998), Mestrado em Doenças Tropicais pela Universidade Federal do Pará (2003) e Doutorado em Doenças Tropicais pela Universidade Federal do Pará (2009).e Pós-doutorado pelo Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (ICB/UFPA). Atualmente é professor do curso de Medicina do Centro Universitário do Estado do Pará - CESUPA e da Universidade Estadual do Pará - UEPA. Tem experiência na área de Educação Médica (Metodologia Ativa), Farmacologia, Terapêutica Patologia, Fisiologia e Medicina Laboratorial.

Larissa Machado Silva Magno

Acadêmica do 8º Semestre de Medicina - CESUPA Membro efetivo da Liga Acadêmica de Cardiologia (LAC). Diretora de Extensão da Liga Acadêmica de Cardiologia (LAC) 2019/20. Monitora do Laboratório Morfofuncional MD1 - 2019.1 Monitora do Laboratório Morfofuncional MD1 - 2020.1 Estagiária do Ambulatório de Diabetes melitus tipo 1 no CEMEC 2018.2 Estagiária do Ambulatório de Metabolismo do Cálcio no CEMEC 2019.1 Estagiária do Ambulatório de Hipófise e adrenal no CEMEC 2019.2 Estagiária do Ambulatório de clínica médica no CEMEC 2020.1 Monitora do Comitê de habilidades clínicas do cesupa (CHC) Graduação em língua estrangeira: inglês.



Tanise Nazaré Maia Costa

Graduação em Medicina pela Universidade do Estado do Pará (2006) e residência médica pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará em Clínica médica (2009) e pelo Hospital Universitário João de Barros Barreto em Geriatria (2011). Possui título de especialista em Geriatria pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia/Associação Médico Brasileira. Preceptora da residência em Clínica Médica pelo Hospital Ophir Loyola/Centro Hospitalar Jean Bitar. Preceptora da Residência em Geriatria do Hospital Universitário João de Barros Barreto. Docente do curso de Medicina do Centro Universitário do Pará (disciplinas de Habilidades Clínicas, Tutoria e Módulo de Interação em Saúde da Comunidade). Mestre em Ensino em Saúde da Amazônia pela Universidade do Estado do Pará.



